



## O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM NA PERSPECTIVA DOS PAIS DE ALUNOS SURDOS

Raquece Mota Honório Cruz

### Resumo

Adquirir uma linguagem é de suma importância para nossa afirmação na sociedade. A língua está diretamente ligada à cultura, à identidade e à comunicação. É no nosso lar que damos os primeiros passos para a aquisição da linguagem por meio da comunicação com nossos pais. Nesse contexto está o surdo, principalmente filhos de pais ouvintes. Este trabalho aborda o tema do processo de aquisição da linguagem pelo aluno surdo na visão ouvintista de seus pais, mostrando aspectos importantes da relação família-ouvinte versus filho-surdo, bem como a importância da Libras como fator imprescindível na aprendizagem e comunicação do surdo. A pesquisa se deu por meio da resolução de questionário proposto aos pais de três alunos onde analisou-se o processo de aquisição da linguagem desses, tendo em vista a opinião de seus pais, podendo-se perceber que essa aquisição linguística e real conhecimento do mundo comunicativo se deu basicamente ao se conhecer e utilizar a língua brasileira de sinais – LIBRAS.

**Palavras-chave:** aquisição, linguagem, libras, surdo, família.

### ABSTRACT

To acquire a language is very important for our assertion in society. The language is rightly linked to culture, to identity and to communication. It is in our home that we do the first steps for acquisition of the language by communication with our parents. In this context, the deaf person is there, mainly children of hearer parents. This work approach about the process of language acquisition by deaf students in hearer vision of the them parents, it showing important aspects of the relationship between hearer-family versus deaf-child, though the importance of the Libras as essential in the learning and communication of the deaf. The search was made by resolution of the questionnaire proportioned to parents of the three students where it was analysed the process of the acquisition of the language in the vision of the them parents, it can to understand this linguistic acquisition is real knowledge of the communication world was basicly by to meet and to use the Brazilian Sign Language – LIBRAS.

**Key-words:** acquisition, language, libras, deaf, family.



## Introdução

Adquirir uma linguagem é de suma importância para nossa afirmação na sociedade. A língua está diretamente ligada à cultura, à identidade e à comunicação, e é no nosso lar que damos os primeiros passos para a aquisição da linguagem por meio de nossos pais e do contato com mundo a nossa volta. Nesse contexto de extrema necessidade de afirmação linguística, está o surdo filho de pais ouvintes.

Durante muito tempo, as crianças que nasciam surdas eram excluídas de suas famílias, não tinham direito a participar do convívio familiar, receber herança, estudar, casar-se e muitas outras coisas, pelo fato de serem surdas. Era uma desgraça que recaiam sobre a família. Não havia o que ser feito. Até que surgiram os primeiros educadores voltados para a surdez e descobriram métodos eficazes para a interação surdo-surdo e surdo-ouvinte por meio das línguas de sinais. Um dos mais famosos educadores de surdo foi o francês Charles L'Epee.

Segundo Quadros (2006), L'Epee usava o método natural que o surdo tinha para se comunicar, os gestos, e com esse método todos os surdos que frequentavam sua escola, tiveram um grande desenvolvimento, bem como os outros países que seguiram o exemplo. Isso durou até 1880 quando aconteceu o congresso de Milão na Itália, quando uma delegação representando todos os países, na sua maioria ouvintes, decidiram que as línguas de sinais não contemplavam os ouvintes no fator comunicativo, mas apenas uma minoria de surdos e que portanto, o oralismo seria implantado em todas as escolas e seria extinta as línguas de sinais. De lá até então os dois métodos (oralismo e gestualismo) tem trabalhado juntos no processo de aquisição da linguagem pelo surdo, principalmente quando estes são filhos de pais ouvintes.

Segundo a teoria inatista, defendida por Noam Chomsky, toda criança nasce preparada para receber uma linguagem, uma língua e então comunicar-se, e esse



processo também se dá de igual forma com a criança surda. No entanto, há um certo impasse nesse processo. Seus pais ouvintes não compreendem a tempo que seus filhos são surdos e eles perdem um tempo precioso de sua aquisição que pode comprometer seu aprendizado para o resto de sua vida, e torná-los deficientes principalmente na comunicação com eles (seus pais). Gera um conflito familiar com relação à aquisição da língua se esta é o português, língua falada por seus pais; ou se é a Libras, língua da comunidade surda.

Diante desses pressupostos, este artigo tem como objetivo analisar a partir da perspectiva dos pais de alunos surdos como se deu o processo de aquisição da linguagem destes, por meio de uma entrevista feita aos pais desses alunos, que estudam em uma escola pública do Município de Iguatu, Ceará, e como isso repercutiu em suas vidas acadêmicas.

## **Um Breve Histórico sobre Educação de Surdos e das Línguas de Sinais**

A história dos surdos perpassa por um longo período de exclusão, sofrimento, preconceito e de estereótipos degradantes sobre conceito de surdez. Nascer surdo parecia ser a mais terrível de todas as deficiências, visto que atrapalhava a comunicação e interação com a sociedade, fator muito cobrado por esta e que demonstrava o desenvolvimento cognitivo do falante. Essa situação durou séculos até que se manifestaram pessoas que fizeram toda a diferença na vida e na história das pessoas surdas.

Nas civilizações antigas, nascer surdo ou com qualquer outra deficiência, significava estar fadado a uma vida de sofrimento, a começar pela própria família que rejeitava a criança, privavam-na de educação, amor, carinho e do convívio da sociedade. Na antiga civilização espartana, as crianças com deficiência eram lançadas de um alto monte, pois eram consideradas inúteis para o trabalho e para o



exército. Na antiga Grécia, os surdos eram considerados como incapazes e portanto não tinham direito à educação. Os romanos refletiam ideias semelhantes às dos gregos, consideravam-no seres imperfeitos sem direito de pertencerem à sociedade e era comum naquela época sacrificarem crianças surdas ao Rio Tibre, para que fossem criadas pelas Ninfas. O conceito de deficiência naquela época era de total exclusão como afirmava o filósofo romano Sêneca:

“Matam-se cães quando estão com raiva; exterminam-se touros bravios; cortam-se as cabeças das ovelhas enfermas para que as demais não sejam contaminadas; matamos os fetos e os recém-nascidos monstruosos; se nascerem defeituosos e monstruosos, afogamo-los, não devido ao ódio, mas à razão, para distinguirmos as coisas inúteis das saudáveis.” (Sêneca, Apud Silva, 1986, p. 129)

Esse contexto, de morte e exclusão e inutilidade dos surdos pertenciam às sociedades pagãs antigas. Já na era cristã, eles foram analisados do ponto de vista religioso, ou seja, se uma criança nascesse surda, estava pagando algum pecado cometido pelos pais. Numa visão mais cruel, não tinham alma por isso não eram consideradas como pessoas. Séculos depois, a visão muda do religioso para o meramente clínico. Os surdos, nesse período, são considerados pessoas com defeito por lhes faltarem um sentido muito importante. Se eles pudessem falar e ouvir poderiam ser pessoas normais e a sociedade as receberia. Esse conceito foi bastante defendido por Alexander Graham Bell e Samuel Heineick, e esses homens utilizavam o método que ficou conhecido na história como Oralismo, como enfatiza Sacks in Sales (2007):

“Durante muito tempo as discussões a respeito da educação de surdos são impregnadas de uma visão médico-clínica. Essa postura foi assumida pela filosofia oralista, que acreditava na normalização, preconizando a integração e o convívio dos portadores de surdez com os ouvintes através da língua oral.”



Por volta de 637 d. C., bispo Jonh of Beverley ensinou um surdo a falar e isso foi considerado um milagre, todavia a metodologia aplicada nunca foi revelada e a Igreja tomou para si o dito milagre. Porém, é a partir do século XVIII que surgem os principais nomes de educadores para surdos. Na Alemanha, Samuel Heineck (1729-1770), na França, o abade Charles Michel de L'Epee (1712-1789), e na Inglaterra Thomas Braidwood (1715-1800). Eles desenvolveram diferentes métodos para a educação de surdos.

O método do Abade L'epee foi o mais famoso e eficaz na concepção dos surdos. Ele introduziu as línguas de sinais (gestualismo) e fundou a primeira escola para surdos em Paris, usando esse método. Sua escola recebeu surdos de diversos lugares, principalmente das ruas, onde muitos viviam. Na concepção de Quadros(2006), os surdos tiveram um grande desenvolvimento linguístico, comunicativo e acadêmico e em pouco tempo pode ser visto os primeiros resultados. Surdos, formados da primeira turma, tornaram-se professores de surdos mais jovens, dando continuidade a um ciclo educacional perfeito para eles.

Já na Alemanha, o método de Samuel Heineck, o oralismo, era trabalhado nas clínicas e nas escolas, e os poucos surdos que conseguiam falar, eram bem vistos pela sociedade, os que não conseguiam, continuavam sendo incapazes. Durante anos, o gestualismo se opunha ao oralismo, e em 11 de setembro de 1880, em Milão, na Itália, essa disputa foi decidida.

O Congresso de Milão aconteceu tendo grandes representações de diversos países em que já havia educação de surdos. Os representantes eram em sua maioria ouvintes e escolheram o oralismo como o melhor método para a educação de surdos. As línguas de sinais foram deixadas, ou melhor, proibidas. Nas escolas e clínicas, as mãos dos surdos foram amarradas para que não produzissem sinal algum.



Anos se passaram e pode ser vista a ineficácia do método oralista, pois apenas alguns conseguiram alcançar a fluência no falar e ler lábios. Em termos educacionais, a leitura e a escrita eram sobrepujadas pela fala e tão somente a fala. Então, o fracasso escolar do surdo foi inevitável.

Segundo Sacks in Salles (2007)

“O Oralismo e a supressão do sinal resultara numa deteriorização dramática das conquistas educacionais das crianças surdas e no grau de instrução em geral. Muitos dos surdos hoje em dia são iletrados funcionais.”

Nas décadas de 1950 e 1960, surgiu uma nova filosofia educacional, a chamada Comunicação Total que unia tudo o que fosse possível, fala escrita, desenhos, gestos, mímicas, pantomima e línguas de sinais, mas na verdade os surdos nunca deixaram de utilizar as línguas de sinais, mesmo com a suplantação do Oralismo. Eles usavam-na de forma escondida, nos corredores das escolas, no banheiro ou nas ruas, quando se encontravam, pois a necessidade de utilização da língua era mais forte de que qualquer poder opressor. Todavia por meio da Comunicação Total, a língua de sinais voltou publicamente a ser usada nas escolas e comunidades surdas.

A partir desse período, pesquisas começaram a ser feitas sobre as línguas de sinais e sua semelhança com as línguas orais. Um trabalho renomado foi o do linguista norte-americano Charles Skliar. Suas pesquisas foram feitas com a ASL (American Sign Language), comprovando que as línguas de sinais são línguas naturais tais quais as línguas orais. Desde o surgimento dessas pesquisas passamos a vivenciar uma nova fase na educação de surdos. As línguas de sinais foram reconhecidas em diversos países e os surdos tiveram acesso prioritário às escolas, respeito à diversidade linguística e a presença do profissional intérprete como mediador entre os surdos e os ouvintes.



## **A Educação de Surdos no Brasil**

Os surdos brasileiros passaram pelos mesmos problemas que os surdos dos demais países. As suas vidas começaram a mudar quando o educador surdo francês Ernest Hurt veio ao Brasil, a convite de D. Pedro II para começar um trabalho com os surdos daqui. Por meio do desenvolvimento desse trabalho, foi fundado o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos em 1855. Hoje é conhecido como INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos) que é um dos maiores responsáveis pela difusão e desenvolvimento da cultura surda no país.

Ernest era partidário do método de Charles L'epée e utilizou aqui no Brasil o gestualismo, implantando a língua francesa de sinais. Essa língua foi adaptada à comunidade surda brasileira transformando-se na LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais, que foi regulamentada em 24 de abril de 2002 pela lei 10.436. Desde essa data a Libras passou a ser oficialmente a língua da comunidade surda no Brasil e os surdos podem usar legalmente sua língua.

Hoje o processo de inclusão vem ganhando força em todo país com a proposta do ensino bilíngue, que preconiza a Libras como língua natural do surdo e a língua portuguesa como segunda língua na modalidade escrita. Dessa forma os surdos têm tido a oportunidade de estudar com a presença do profissional Intérprete da Libras na sala de aula e ainda tem acesso ao AEE (Atendimento Educacional Especializado) de Língua Portuguesa e de Libras no contraturno conforme a proposta do MEC.

## **A Aquisição da Linguagem e a Construção da Identidade**

O uso da língua nos individualiza, nos insere na comunidade em que vivemos. Por meio dela, somos capazes de construir e reconstruir sentenças infinitas de



ideias e pensamentos. Usar a linguagem é manifestar a língua em diferentes formas e modalidades.

O processo de aquisição da língua materna acontece de forma espontânea quando recebemos estímulos necessários para isso. Noam Chomsky, linguista americano, defende que o homem já nasce programado para adquirir uma língua, o que ele precisa são *inputs* necessários para que se desenvolva. Piaget apresenta o processo de aprendizagem por meio de estágios ou períodos, o que podemos também mostrar a aquisição da linguagem por meio desses mesmos processos que são sensório-motor, pré-operatório, operatório-concreta e operatório-formal e são organizados de acordo com as idades como segue abaixo:

1º período: Sensório-motor	(0 a 2 anos)
2º período: Pré-operatório	(2 a 7 anos)
3º período: Operações concretas	(7 a 11 ou 12 anos)
4º período: Operações formais	(11 ou 12 anos em diante)

No segundo período (pré-operatório) que compreende a faixa etária de 2 a 7 anos é quando surge a necessidade da linguagem na descoberta do mundo a sua volta. Esse período, na maioria dos casos, é perdido para a criança que nasce surda, pois geralmente é nessa idade que a família descobre a sua surdez e passa por longos períodos até que aceite a condição de seu filho. O que é uma perda quase irreparável, pois nessa fase a criança já estaria produzindo seus primeiros sinais semelhantes às crianças ouvintes. Este é o caso dos surdos pesquisados.

Para as pessoas ouvintes que utilizam uma língua oral-auditiva, o processo de aquisição é simples e prático. É sua língua materna, seus pais compartilham da mesma e sua comunidade também. Nessas condições, aos 5 anos de idade a criança já tem pleno uso da língua. Com o passar do tempo, ela irá aperfeiçoá-la e expandi-la. Segundo Sales (2007):





“Um aspecto fundamental a respeito da linguagem humana é que todo ser humano, no convívio de uma comunidade linguística, fala pelo menos uma língua, a sua materna, aprendida com rapidez surpreendente, até os cinco anos de idade, em estágios com características idênticas entre as comunidades linguísticas, independentemente da ampla diversidade da experiência linguística e das condições sociais em que se desenvolve o processo de aquisição. As crianças aprendem língua como aprendem a andar.”

No entanto, para os surdos filhos de pais ouvintes o processo sofre atrasos por conta da demora de reconhecimento da surdez dos filhos. Quando percebem que seu filho é surdo já tem se passado meses e até anos. Daí começa aquela maratona correndo para os médicos e fonoaudiólogos para se tentar ensinar a falar. Quando não há resultados aparentes, percebe-se uma tremenda frustração dos pais.

Esses filhos surdos crescem sem construir uma identidade definida, são surdos que não tem língua, são meio ouvintes, pois estão inseridos em uma cultura ouvinte. A maioria deles quando adquirem a Libras já são adultos ou juvenis; sem contar que a defasagem escolar devido a esse atraso é enorme. Mas o processo de aquisição da linguagem e também o desenvolvimento e construção de sua identidade fluiria naturalmente se houvessem meios. Como afirma Quadros (2008:63)

“A criança, portanto, não aprende a linguagem porque generaliza esses processos, mas sim porque ela está diante de um ambiente que lhe permite acessar esse conhecimento, assim como acontece com as demais áreas do desenvolvimento.”

Os pais tem um papel importante no processo de aquisição da linguagem de seus filhos e no caso de filhos surdos, a falta de conhecimento ou aceitação da surdez do filho podem ser fatores determinantes para que ele não alcance seu



espaço na sociedade e tenha sérias dificuldades no seu processo de aquisição da linguagem.

De acordo com Santana (2007), quanto mais cedo a criança aprender sua língua materna, mais capacidade terá de se desenvolver melhor na estruturação da mesma. No entanto, quanto mais tardia for sua aquisição, mais complicações terá no uso e construção dela, principalmente no que concerne a sintaxe dessa língua. No caso da criança surda se torna mais complicado ainda porque está inserida em um contexto bilíngue, ou seja, teve um diagnóstico tardio da surdez e, nesse espaço de tempo, a família tentou oralizar com o português falado.

Hoje, estudos na área da linguística vem mostrando que o contexto bilíngue é o melhor para o surdo brasileiro, mas não da forma que era feito, obrigando o surdo a falar o português, mas aceitando sua língua natural, a LIBRAS, como L1 e o português como L2 na modalidade escrita. Os surdos que passaram pelo processo de oralização obrigatória nem são bons surdos e nem bons ouvintes.

Como a língua é de suma importância para a construção da identidade do indivíduo e é um meio de afirmá-lo na sociedade em que vive, é natural que o surdo que teve uma aquisição da linguagem de forma tardia, tenha uma crise de identidade ao longo de sua vida, no que concerne a aceitação ou não de sua personalidade surda. A pesquisadora surda Gladis Perlin descreve as identidades surdas da seguinte maneira: flutuante, inconformada, de transição, híbrida, e identidade surda.

### *Identidade surda flutuante*

É aquela na qual o surdo se espelha na representação hegemônica do ouvinte, vivendo e se manifestando de acordo com o mundo ouvinte. Os surdos que possuem essa identidade na infância não se reconheceram como surdos, foram oralizados pelos pais e se comunicam por meio da língua portuguesa e conseguem entender os ouvintes por meio da leitura labial. Eles se sentem ouvintes. Na



maioria dos casos eles rejeitam as línguas de sinais por acreditarem que não precisam dela, mas também não dominam o português nem falado e nem na modalidade escrita, já que se trata de uma língua oral- auditiva.

#### *Identidade surda inconformada*

É aquela na qual o surdo não consegue captar a representação da identidade ouvinte, e se sente em uma identidade subalterna. Geralmente os surdos que possuem essa identidade não tiveram em seus lares apoio e reconhecimento de sua surdez e necessidades linguísticas, seus pais o tinham como um ouvinte, no entanto eles não conseguem viver em um mundo linguístico de ouvintes. Daí vem a inconformação. Nem todos os surdos conseguem a “façanha” de viver bem no mundo ouvinte partilhando da mesma cultura e da mesma língua. É difícil mascarar sua surdez. Mas o surdo que apresenta esse tipo de identidade não consegue e não se conforma com a sua incapacidade de viver como ouvinte.

#### *Identidade surda de transição*

É aquela na qual o surdo tem um contato tardio com a comunidade surda, o que o faz passar da comunicação visual-oral (na maioria das vezes, uma comunicação bem comprometida) para a comunicação visual sinalizada. Os surdos que possuem essa identidade vivem em um conflito cultural. Como a aquisição da língua de sinais é bem tardia, o surdo em fase de transição não desenvolve bem a Libras e sua comunicação fica comprometida com o mundo ouvinte e com o mundo surdo.

#### *Identidade Híbrida*

É reconhecida nos surdos que nasceram ouvintes e depois ensurdeceram. Eles terão presentes as duas línguas numa dependência de sinais e pensamento da língua oral. Como aprenderam a falar e já ouviram, eles priorizarão a língua oral e



língua de sinais será de caráter secundária. Essa pessoa terá sérias dificuldades de se aceitar como surdo.

### *Identidade surda*

É aquela que o surdo se aceita como tal, utiliza a língua de sinal como sua língua própria e luta pelos direitos da pessoa com surdez e pela expansão da Libras. É o que chamamos de surdo politizado. Nesse caso, o desenvolvimento desse surdo em termos de aquisição de linguagem foi no tempo certo e com certeza teve o apoio e incentivo da família. Seu desenvolvimento escolar é bem melhor e sua expressão linguística é bem espontânea.

Conhecer as diversas identidades surdas nos ajuda a compreender a atuação dos surdos nos ambientes em que vivem bem como, o papel da aquisição da língua em suas vidas. Suas famílias tem um papel fundamental na construção dessas identidades, afinal, é a família que determina, mesmo que forma inconsciente que tipo de identidade seu filho surdo vai possuir.

### **O Desenvolvimento da Pesquisa**

É importante, à priori, conhecermos os alunos surdos cujos pais foram pesquisados. A coleta de dados se deu por meio de um questionário com os pais de três alunos matriculados na escola de Ensino Fundamental Maria Pacífico Guedes no município de Iguatu, Ceará, e com eles foram feitas análises em sala de aula sobre seu comportamento linguístico e seu aprendizado. Seus nomes foram preservados criando-se nomes fictícios. Chamaremos de Carlos, Mary e Jonh.



Tabela 1:

Nome	Sexo	Idade	Ano que iniciou o processo de escolarização	Ano escolar atual	Fluência em Libras	Fluência em Português
Carlos	Masculino	15 anos	5 anos	6º ano	Boa	Regular
Mary	Feminino	18 anos	7 anos	7º/8º Eja	Boa	Regular
Jonh	Masculino	19 anos	6 anos	5ª/6ª Eja	Regular	Regular

Tabela feita com informações cedidas por de professores e intérpretes.

### **Carlos**

Carlos é membro de uma família de dois filhos, sendo ele o mais velho e único surdo. Sua mãe relata que aos dois anos e 8 meses ele adoeceu de meningite, doença esta que comprometeu totalmente sua audição. Com essa idade já havia adquirido a língua portuguesa falada compatível para sua idade e se comunicava com ela entre seus familiares.

A família demorou a perceber que ele estava surdo, pois seu comportamento era o mesmo, mas ele parou de falar imediatamente, todavia achavam que aos poucos voltaria a falar. A mãe relata que percebeu a surdez quando um dia, ele estava de costas e ela o chamou diversas vezes e ele não notou. Então já contado com três anos de idade, veio o diagnóstico de surdez profunda bilateral. Seria com essa idade que Carlos poderia ter um melhor processo de aprendizado em Libras, considerada L1. Mas mesmo assim ainda não teria sido na fase certa pois, sendo filho de pais ouvintes o processo é sempre tardio.

Nesse estágio a criança surda começa a nomear as coisas, aprende a unir o sinal ao objeto, produzindo seus primeiros sinais. Como as crianças ouvintes que ainda não pronunciam corretamente as palavras nesta fase, as crianças surdas também fazem os sinais com erros nos parâmetros, por exemplo, podem trocar a configuração das mãos ou o ponto de articulação, mas o adulto compreende que ela



produziu um sinal na língua assim como os ouvintes compreendem o que a criança quis dizer. No entanto, Carlos não passou por esse processo. O médico disse pra família que ele tinha muita chance de falar novamente se fosse oralizado, e a família até tentou, mas seria muito dispendioso para a eles, pois o tratamento seria na Capital e eles moram no interior do Estado. Então nessa idade não foi possível aprender a Libras e nem o Português.

Carlos foi matriculado na escola APAE de sua cidade, pois era a única escola que matriculava alunos com deficiência. Aprendeu a escrever seu nome, e copiar do quadro, mas não sabia o que estava escrevendo, não tinha ideia daquela junção de letras. Seu conhecimento não era satisfatório. Era difícil a comunicação entre ele e seus amigos e professores. Quando ele tinha 8 anos de idade abriu uma escola para surdos e ele foi transferido para ela. Nela, era utilizado o ensino de Libras e de língua portuguesa (bilinguismo) e havia a presença dos professores e do profissional intérprete.

Segundo a mãe que acompanhou bem de perto as mudanças de sua vida escolar, afirma que seu aprendizado melhorou muito, pois agora ele sabia o que estava escrevendo e se comunicava em Libras com seus colegas também surdos, e por meio do intérprete, com seus professores.

Hoje, Carlos cursa o 6º ano do ensino regular e conta com a presença do profissional intérprete em sala de aula diariamente. Ele aprendeu muitas palavras em português, mas não é o suficiente para lhe dar fluência. Não entende o que lê e em um texto ele decodifica apenas palavras soltas. A mãe dele diz que o português é muito difícil para ele e é, pois se trata de uma língua oral auditiva com estruturas bem diferentes da Libras.

Atualmente está com 15 anos de idade e é fluente em Libras. O processo comunicativo flui naturalmente, escreve bem, mas não domina o português escrito. Sua mãe explica que em seu modo de pensar as duas línguas são importantes, mas ele adquiriu a linguagem quando aprendeu a Libras, pois lhe possibilitou um maior



conhecimento de mundo. Diz que foi a melhor coisa que já lhe aconteceu. Ela fez curso de Libras para aprender a se comunicar melhor com ele e ajudá-lo nas atividades de casa e da vida. Carlos é um dos melhores alunos de sua sala. Com as palavras de sua:

*“Minha convivência com ele ficou muito melhor quando ele e eu aprendemos Libras. Ele é uma pessoa normal como qualquer outra, só utiliza uma língua diferente.”*

Segundo sua mãe, Carlos possui a identidade surda bem definida mesmo tendo nascido ouvinte, mas como perdeu a audição muito cedo não reteve nada na memória auditiva. Ele gosta de ser surdo e possui bom relacionamento com ouvintes. A aquisição da linguagem mesmo não tendo ocorrido na idade certa fez um diferencial em sua vida. Ele pode encontrar-se em sua família e no meio em que vive.

### **Mary**

Mary nasceu surda e é a filha mais velha, tendo apenas um irmão ouvinte. Só perceberam que ela não desenvolvia a fala aos três anos de idade e sua família acreditava que era normal, pois era muito tímida quando pequena. Mas imaginaram que aos três anos de idade já daria tempo para qualquer criança desenvolver o mínimo de diálogo possível com a família. Demoraram demais a perceber que Mary nascera surda e foram mais quatro anos para terem um diagnóstico audiométrico quando veio a terrível constatação de surdez severa. Ela só tinha apenas 5% da audição.

Durante esse tempo todo, seus pais lhe ensinaram a falar e ela aprendeu a se comunicar com eles por meio da leitura labial e algumas vezes com gestos caseiros. Na verdade, a língua materna e primeira língua de Mary foi o português falado. Mary, apesar de tímida era uma criança ativa, perspicaz e compreendia o que as pessoas falavam pelas suas expressões faciais e claro, pelo mover de seus lábios.



Ela foi matriculada na escola regular aos sete anos de idade e mesmo com sua dotação em ler lábios, seu desenvolvimento não foi tão proveitoso em termos de assimilação de conteúdos didáticos, porém aprendeu a escrever e copiar as atividades do quadro. A leitura labial só funcionava bem com sua família que já havia se adaptado a essa condição da filha, e tinha de ser com paciência e sempre na posição frontal. Na escola, com tantos alunos para a professora se dirigir, não tinha como ter uma atenção exclusiva só pra ela. Mesmo assim, Mary era assídua, apesar de ficar sempre isolada em um canto da sala sem comunicação com ninguém.

Quando Mary já tinha dez anos de idade, abriu uma sala especial para surdos em uma escola em sua cidade. Sua família a transferiu para lá na esperança de ver seu aprendizado escolar melhorar. Nessa escola, aprendeu Libras com professores surdos e era acompanhada em todas as aulas do profissional intérprete. Segundo sua mãe, o aprendizado de Mary foi bem melhor e à partir de então ela realmente começou a entender o que os professores diziam. Deste momento em diante ela se comunicava em Libras, principalmente com seus amigos surdos.

Todavia, surgiu uma nova dificuldade, não com ela, mas com a família. Nas palavras de sua mãe: *“na escola foi melhor, já na família teve muita dificuldade, mas para eles (os surdos) foi melhor porque eles se comunicam entre si.”* Essa dificuldade a que a mãe de Mary se refere é que desde o momento em que ela aprendeu Libras, a família perdeu o controle e não a compreendia mais.

A família de Mary afirma que a língua dela deve ser a Libras, pois ela aprendeu rápido a se comunicar e também teve um bom desenvolvimento na escola, isso justifica o fato de antes ela não ter tido um bom desenvolvimento. Mas acha ruim o fato de a família não saber a língua de sinais e sugere à escola que façam um acompanhamento também com os pais, para que compreendam melhor seus filhos e se comuniquem com eles.





Hoje Mary, estuda em uma sala regular de educação de jovens e adultos (EJA) cursando a 7ª/8ª séries no mesmo ano, para recuperar o tempo que perdeu. No ano seguinte, ela cursará o Ensino Médio. Ela apresenta ainda muita dificuldade na disciplina de português e nas demais que requerem leitura, como história, geografia, etc. No entanto domina matemática.

Ela se reconhece como possuindo a Identidade Surda e defende sua comunidade e seus direitos diante da sociedade. Sua família respeita suas ideias e opiniões, afirmando que todos esses avanços na vida de sua filha foi devido à aquisição da Libras. De fato a linguagem é o passaporte de entrada no “país” dos humanos.

Agora passaremos ao caso de Jonh.

### **Jonh**

Jonh é o primeiro filho do lar de dois irmãos e foi muito aguardado pelos seus pais. Pode-se até imaginar o tamanho da decepção quando perceberam que ele era surdo. Não sabiam do que se tratava. Sua mãe relata que só percebeu quando ele tinha 2 anos de idade. Seus avós diziam que não era comum o fato de ele não esboçar nenhuma reação ao barulho, aos gritos ou até mesmo uma pessoa que chegasse falando alto. Mas a mãe por inexperiência não conseguiu compreender que todos esses sinais eram de surdez. Relatou que só veio o diagnóstico quando o levou para o médico devido a outro problema de saúde que apresentou, então veio o diagnóstico – surdez profunda bilateral.

A partir de então, a família começa a busca pela audição do filho andando de médico em médico para encontrar a “cura” para ele, mas em vão. Jonh foi crescendo e a comunicação foi se tornando difícil, pois seus pais não o compreendiam.

Quando chegou o momento de Jonh ir para a escola, surgiram as maiores dificuldades para ele e para a família. As escolas, na época, não estavam



preparadas para receber um aluno surdo e a única opção foi a APAE de sua cidade, que era a Instituição que recebia alunos com deficiência. Jonh passou alguns anos na APAE e seu aprendizado não foi satisfatório. Seus professores não conseguiam entendê-lo e vice-versa. Sua mãe tentava falar com ele, mas a oralização não funcionou. Não entendia ninguém a não ser por mímicas e sinais caseiros inventados por ele e sua família.

Quando ele já tinha 11 anos de idade, descobriu que em sua cidade havia uma escola para alunos surdos e que a forma de ensino era com a língua de sinais. A família logo que matriculou, já começou ver os primeiros resultados. Jonh foi aprendendo Libras aos poucos, mas tinha muita dificuldade de se comunicar com seus colegas e professores. Ele possuía uma sinalização lenta e, muitas vezes demonstrava-se irritado com a falta de entendimento dos demais. Mas aos poucos ele foi adquirindo os requisitos básicos da Libras e seu aprendizado melhorou muito na escola. Suas notas foram sendo as melhores da sala, o que possibilitou seu avanço para as séries seguintes.

Nas palavras de sua mãe:

*“ a Libras é a língua do surdo mesmo, pois foi com ela que ele aprendeu. O certo é que toda a família aprenda para se comunicar com seus filhos surdos.”*

Foi com o uso da Libras que Jonh realmente adquiriu a linguagem e à partir de então, teve o conhecimento de mundo, o que possibilitou também seu rendimento acadêmico. Apesar de a família ter tentado ensiná-lo a falar e ele não ter conseguido, mas seus costumes são de ouvintes. Sua primeira língua foi realmente a Libras, mas possui uma identidade flutuante, se espelha na comunidade ouvinte. Ele pouco participa dos eventos dos surdos, vivendo mais no “mundo” ouvinte. Seus pais tem muita dificuldade em detê-lo quando ele coloca alguma coisa na cabeça. Sua mãe disse que ele se sente adulto a ponto de querer fazer o que quer, mas acha que ele ainda não entende tudo sobre as coisas à sua volta, principalmente porque ela não domina a Libras para explicar tudo para ele.



## Resultados e Análises

Ao analisar as entrevistas dos pais dos alunos pudemos perceber alguns fatores importantes na vida de seus filhos surdos. O atraso linguístico é o principal. Eles (os pais) demoraram muito tempo em aceitar a surdez de seus filhos. Nos três casos entrevistados, o diagnóstico final foi concedido depois de 5 anos de idade, quando nesse período, qualquer criança já tem pleno domínio oral de sua língua e se a criança surda é diagnosticada à tempo, e se utilizando as intervenções necessárias para que adquira a Libras, ela também já estaria utilizando os sinais e uma conversação de acordo com sua idade. O que infelizmente não aconteceu com os nossos surdos da pesquisa.

Na visão dos pais, a língua de sinais é realmente importante na vida de seus filhos e acreditam que o processo de aquisição da linguagem destes só se deu ao se aprender a Libras pela primeira vez. O problema maior que eles acham que atrapalham a comunicação de seus filhos é porque poucas pessoas sabem Libras, então eles ainda se comunicam pouco.

As mães relatam que o aprendizado dos filhos na escola é muito bom, mas os professores admitem que eles estão ainda muito aquém do que deveria. O conhecimento da língua portuguesa escrita, bem como das outras disciplinas poderia ser bem melhor.

Na escola que eles estudam, o método utilizado é o bilinguismo que é a filosofia educacional mais aceita hoje na educação de surdos, em que se ensina Libras como primeira língua e língua natural (L1) do surdo; e a língua portuguesa na modalidade escrita como L2. Além disso, seguindo a resolução do MEC, esses alunos têm aula de Libras e língua portuguesa no contraturno na Sala de Recursos



Multifuncionais, recebendo apoio especializado no aprendizado dessas duas línguas.

Ainda segundo os pais, a aquisição da linguagem se deu quando seus filhos realmente começaram a entender os conteúdos escolares. Para eles essa aquisição está diretamente ligada com a vida acadêmica. Como não se desenvolveram no aprendizado escolar utilizando a leitura labial e por meio das tentativas de oralização, então é porque não haviam adquirido a linguagem mesmo. Com o advento da Libras para os filhos veio uma outra dificuldade para os pais, a falta de comunicação entre eles e seus filhos. Mas isso não importava, o ideal era o conhecimento didático que eles estavam adquirindo, se precisavam conversar com os surdos, chamavam um intérprete.

Para eles, os pais, a aquisição da linguagem não é fazer uso de uma língua para conhecer o mundo em torno de si, vivenciar experiências novas e trocá-las com seus semelhantes, mas compreendê-la bem no convívio escolar. Seus filhos não falam e isso foi muito difícil para que eles aceitassem. A Libras, apesar de ser a língua oficial de seus filhos, algo que eles reconhecem bem, é algo estranho no mundo ouvinte deles. Então, o único local em que eles veem essa língua (Libras) em real funcionamento é na escola, pois lá seus filhos interagem com outros surdos e nesse sentido, percebe-se que já adquiriram a linguagem, pois em casa não há essa interação. Como enfatiza a mãe de Jonh:

*“Em casa ele não usa Libras, só agora estou fazendo o curso, às vezes ele usa alguns sinais, mas na escola ele se comunica muito bem em Libras. Me arrependo muito de não ter feito o curso a mais tempo.”*

A Libras, portanto fez com que esses filhos surdos se integrassem ao mundo surdo, deixando então uma lacuna na comunicação com seus pais ouvintes, que apesar de conhecerem alguns sinais na língua de sinais, como é o caso das mães de Mary, de Carlos e de Jonh, não é o suficiente para que elas possam passar seus ensinamentos e valores para eles.



## Considerações Finais

A língua é o principal fator que nos diferencia dos outros animais. O ser humano tem esse dom inato da linguagem. Adquiri-la nos torna capazes de vivenciar um mundo de experiências comunicativas e de valores, que nos permite a socialização e a comunicação com os nossos semelhantes.

Tantos as línguas orais como as línguas de sinais podem ser adquiridas, aprendidas, da mesma maneira bastando apenas, os *inputs* necessários para que isso ocorra. Infelizmente, a maioria das crianças que nascem surdas, sofrem de atrasos linguísticos difíceis de ser recuperados. Seus pais demoram muito tempo para diagnosticar a surdez, como os surdos da pesquisa. Então perde-se em média cinco anos que nunca serão recuperados.

Os alunos surdos pesquisados só adquiriram a Libras já bem grandes, Carlos com 7 anos, Mary com 8 e Jonh com 11. Todavia ao se adquirir a Libras, fatores importantes aconteceram em suas vidas que foram relatadas por seus pais, como sendo o desenvolvimento escolar, o reconhecimento de sua identidade e seu desenvolvimento cognitivo como ser humano utente de uma língua. Seus pais reconhecem a importância desse processo de aquisição da linguagem na vidas de seus filhos, mas no foco acadêmico somente.

## Referências Bibliográficas

COLL, C. As contribuições da Psicologia para a Educação: Teoria Genética e Aprendizagem Escolar. In LEITE, L.B. (Org) *Piaget e a Escola de Genebra*. São Paulo: Editora Cortez, 1992. p. 164-197 (consultada)



SALES, Heloísa Maria Moreira Lima... [ et al]. Ensino de Língua Portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica.Vol.1.2ª Ed. Brasília: MEC, SEESP, 2007.

SANTANA, Ana Paula. Surdez e Linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas. São Paulo: Plexus, 2007.

QUADROS, Ronice Muller de. Teorias de aquisição da linguagem. Ed. Da UFCS, 2008. 304p

QUADROS, Ronice Muller de. (Org). Estudos Surdos I. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.

### Identificação da Autora



#### **Raquece Mota Honório Cruz**

Professora e intérprete de Libras do IFCE - Campus Canindé;  
Coordenadora do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas - NAPNE / IFCE - Campus Canindé;  
Pesquisadora na área de aquisição da linguagem pelo sujeito surdo;  
Atua no ensino da língua inglesa para estudantes surdos e na formação e atuação do profissional intérprete.

**E-mail:** [raquece.cruz@ifce.edu.br](mailto:raquece.cruz@ifce.edu.br)